

O Espozendense

ANO XXXV

ESPOZENDE, 19 DE MARÇO DE 1923

NUMERO 1:031

Semanario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Gesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozandense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com
estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 150 c. — Jornal. Or re-
clames, linha 50 c. In posto do sello, cada publicação 15 c. — Anuncios
particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exem. Não se restitua original.Este n.º foi visado pelo snr. Administrador
do Concelho.

MELHORAMENTOS

DE ESPOZENDE

Energia eléctrica

Como cúpula de todas as medi-
das económicas aconselhadas e a-
conselháveis deve-se tentar uma
fonte energética mais barata do
que a da Central.

Concluindo o meu modesto
estudo sobre este assunto...

Por muito interessantes que
sejam todas as medidas economi-
cas apontadas, e são-no sem
dúvida, a tentativa da *obtenção*
de um quilo-watt mais barato
deve ser a preocupação constan-
te de uma Câmara, qualquer que
ela seja.

A Central é não só a solu-
ção efectiva mas condiciona to-
das as soluções possíveis.

Condicionar, todavia, não é
afirmar que seja a solução nor-
mal do fornecimento de energia.

Sei, com bastantes pormeno-
res, a luta que se desenvolveu
sobre a escolha da fonte energé-
tica.

Sei que houve muitas opi-
niões interessantes sobre apêlos
às rédes hidro-electricas e cen-
trais térmicas próximas; mas tam-
bem sei que tudo isso não levava
em linha de conta as verdades
objectivas e económicas da hora
grave que passamos.

De ha três anos a traz, algu-
mas das soluções propostas eram
viáveis, *embora não aconselháveis*.
E não aconselháveis, já o disse
porque: é que entregavam o
concelho ao dilema enervante dos
caprichos de qualquer empresa
quer porque teria de suportar to-
dos os aumentos de tarifas quer
porque teria pendente a espada
de Damocles da recisão da luz.

E eis aqui a maior defesa da
instalação da Central, tal como
está.

E, agora, sim. Agora, com
a Central instalada, é que é a al-
tura de talar ás hidro-electricas e
ás térmicas.

Antes, sobre as inconvenien-
cias apontadas, elas *nem sequer*
responderiam porque, em principio,
não lhes interessam os pequenos
meios; e, na pratica, repelem-nos
quando não tem imposições
de força (Arcos, Barca, etc) ou

não se tenham creado necessi-
dades de consumo.

Todas as Camaras, agora e
sempre, devem tentar obter uma
energia *mais barata* do que a da
Central que é, bem objectivamen-
te, o padrão do preço. Obtê-la-
hã?!... Quem o sabe?!... Estes
resultados só se obtêm com ne-
gociações particulares demora-
das, consultas, etc. Pode uma
Câmara ter a sorte de a obter já;
pode obtê-la amanhã; pode ob-
tê-la muito mais tarde; pode, até,
não a obter nunca. Mas, tentando-
o, cumpre indelevelmente a sua
obrigação; e coloca-se n'um cam-
po simpatico superior a criticas.

A Câmara tem nas proximida-
des dois sistemas energéticos:
a) o das *hidro-electricas*; b) e o
dos *termo-electricas*.

No das hidro-electricas tem
Barcelos (Afurada), tem Viana
(Coura), e tem as possibilidades
futuras do Varoza e do Lindo-
zo; no das termo-electricas só
tem, tecnicamente, a Fabrica de
Fão.

Nas hidro-electricas tem
uma dificuldade financeira trem-
enda: o transporte da energia
a distancia com a instalação do
cabo de alta tensão; nas termo-
electricas tem a necessidade da
geração electrica pela montagem
de um alternador, aparelhagem
respectiva e adaptação das *cabi-
nes* atuais a esta alternativa de
funcionamento.

Que fazer uma Câmara neste
labirinto aparente? Só um cami-
nho se antolha: proceder com
diplomacia e reserva a sondagens
e consultas. Seriam, em resumo,
as respostas ao seguinte questio-
nario: *essas hidro-electricas pres-
t.r-se-hiam a fornecer energia*
eléctrica a Espozende? em que
condicionamento, sobretudo de
preço do quilo-watt?

As respostas, digo-o com o
conhecimento *prático* que tenho
destas coisas, seriam negativas
ou condicionadas a condições
pesadas ou complicadas. Resu-
mindo-as e, nas melhores das
hipóteses, eu não creio que ne-
nhuma se prestasse a trazer, *por*
sua conta, o cabo de alta tensão
a Espozende; nem, também,
dêsse preços de um quilo-watt
tão baixo que permitissem a a-
mortização económica de uma
instalação feita pela Câmara.

No estado *atual* da topogra-
fia das rédes e das suas disponi-

bilidades energéticas para um
funcionamento normal, creio ser
o mais provavel.

Talvez, porem, que o snr.
Xavier Esteves possa dispor de
energia *excedente* no inverno; e
tão barata que suggestionasse
uma solução aproveitavel. E'
que, se a energia fôsse muito
barata, mesmo para os 8 ou 9
meses de abundancia de aguas,
a lotação dos encargos dos quilo
watts da Central e da Afurada
dariam uma exploração econó-
mica de primeira ordem o que
daria ensanchas á instalação do
cabo de alta tensão. Acresceria
que é Barcelos o centro da réde
electricas hidro-electricas mais
proxima; e que, manobrando
com habilidade os desejos das
freguesias de Barcelos (Vila Co-
va, etc) limitofes de Espozen-
de, talvez fosse facil um enten-
dimento das duas Câmaras para
o transporte da energia de for-
ma a que Barcelos pagasse o per-
curso proprio. Acabam de o fa-
zer assim as Camaras de Braga
e Vila Verde; vão fazê-lo as de
Braga e Amares.

Tudo isto é possível? é im-
possível?... Não o sei, embora
o creia muito possível. São ges-
tões a fazer e hipóteses a pôr; e
postas com lealdade.

De resto, estas coisas são de-
licadas e manobram com nu-
meros.

E, mesmo que elas sejam
exquiveis pelas suas premissas
altamente económicas, faltaria
saber se a Câmara obteria fun-
dos que lho permitissem, se bem
que não sejam elevados

Mas nesta hipótese, e em
todas as hipóteses, a Câmara de-
veria *pesar* todas as soluções; e
não seria de desprezar procurar
saber as condições em que a
Fabrica de Fão estaria disposta
a fornecer a energia electrica=
quilo-watt = ou sómente a e-
nergia mecânica ou seja o ca-
valo-vapor, ficando a cargo da
Câmara a exploração electrica e
a sua instalação complementar.

Seria solução mais duradoura
e efectiva.

Terminando: são considera-
ções, lembranças e hipóteses que
o meu afecto a Espozende me
fez apresentar.

A' Câmara, presidida por
um espozendense illustre e por
uma vontade arejada no convívio

dos grandes meios, pertence o
papel inglorio de as *pôr em equa-
ção*.

Duarte Carrilho.

MINIATURAS

NAMORADOS...

Tomásia era a unica filha do
velho Lutero. Mais simpatica do que
formosa, cheia de pujante mocidade,
era assás pretendida e procurada
pela rapaziada de Vilar, a aldeazi-
nha do seu namorado — numa casi-
nha modesta, arçada, alvadia, beija-
da pelo sol logo ás primeiras horas
da manhã e abrigada no contraforte
dum monte, mesmo ao pé da igreja
paroquial.

Entre os numerosos pretenden-
tes e admiradores que com ela se to-
mavam de conversa, ora a caminho
da fonte, ora na condução da man-
sa e pacifica junta de *galegos* para o
pasto, Tomásia avistara-se nessa ar-
dente e calmosa tarde de Junho com
o *seu-mais-que-todos*, com o escolhi-
do do seu coração juvenil. Sauda-
ram-se, sorridentes; trocaram-se os
olhares e quedaratn-se no caminho,
a dois passos de casa.

Tomásia, na linguagem propria,
na toadilha costumada, bradou aos
bois:

—«Toma cá *amarelo*... Toma
castanho... Toma cá... *du, uôxe*...
du, uôxe...»

E os *galegos* pararam, obedien-
tes, resfolegando de fartos e satisfei-
tos, a espanear-se com a longa cau-
da, sacudindo-se dos moscardos...

Aproximou-se Pedro — chama-
va-se Pedro, o seu melhor namora-
do — e interrogando, ajuntando-se a
Tomásia:

—Então de volta do campo da
Feiteira com os teus *valentes*, anh?

—E' verdade; e tu...

—De levar os meus *cabanos* a
beber á poça da Fonte Baixa e de
os meter no eido.

Teu pai deve estar de volta da
Levada, da monda do temporão. A-
vistei-me com ele, ha momentos.

—Quasi todo o santo dia tem
andado nesse serviço, Pedro. Os mi-
lhos estão vastos, assombrando-se de
muito juntos...

Era mais que tempo de mon-
dar...

—Pois que Deus do céu o aju-
de!

—E a nós que não nos desam-
pare... —ajuntou Tomásia.

E de palavra em palavra, simpli-
tamente, ingenuamente, reatando a
conversa do dia anterior:

—Sabes, Tomásia? Trago-te con-
tinuamente na lembrança. Não me
sais do sentido! Ando assim a modos
de maluco... Não penso *noutra*...
Se eu advinhasse que teu pai me
ouviria de bom grado, que me at-
nderia e era da sua vontade...

—Fazias-lhe algum pedido
nosso respeito, Pedro?

—Fazia-lhe o pedido da tua mãe,

ANTOLOGIA

Como eu te quero

A" minha terra.

Tanta e tanta terra, diante de mim se estende
Mas nenhuma c'o-encanto que tem Espozende!...

No mundo ha tanta terra! Mas não sei porquê
Entre tantas, só uma os nossos olhos vê,
E o coração distingue com sua amizade!...
—Quando a deixamos, vem depressa a Saudade
Trazel-a pela mão, perturbando-nos a fala
Uma dôr doce-amarga, que nos avassala!...
—Aquele amontuado de terra, tão vasto
Que olhávamos com desdem, torna-se casto.
Atê o proprio ceu, cheio de tanta estrela
Em nenhuma parte é mais lindo do que o dela.

Quando longe, nossa alma de saudades cheia,
Começa a recordar, romagens duma aldeia,
O repicar dos sinos, o chular que passa,
O cantar das moçoilas, com vida, com graça,
Onde atraz d'elas, ás vezes, olhar atento,
Trouxemos embriagado, nosso pensamento.
—Quando se parte, a saudade torna-se infinda...
E nossa terra, pura, e cada vez mais linda
Se transforma!... Nenhuma n'fais se vê melhor do que ela.
Sempre com a esperança de tornar a vel-a!
—Mas se uma voz nos diz!—Ela chora. Oh tortura!...
Oh ceus! oh dôr profunda! oh horrída amargura!
—E' um milhão de espinhos, vendaval perfeito,
Que em cheio vem cahir, dentro do nosso peito.

Ele ha tanta terra! Mas nenhuma ha igual:
Como esta. E o seu mor?! Esse amor que nos prende
A tudo quanto é nosso!— oh minha Espozende
Como te quero!— Como te adoro oh Portugal!...

ARMINDO EIRAS.

ACROSTICO

Prece da partida

Aproxima-se a hora da partida
A esta terra tão lindo onde nasci!...
A Espozende tão mimosa e florida...
A uma rosa que á beira-mar sorri
A sempre exalando essencia apetecida.

Espozende!...—O teu nome tem brio...
E óa também!...— Echôa ao meu ouvido
E por toda a parte o murmurar do rio...
E Cávado tão poético e tão querido!...
E ombam muitos de mim por te querer bem
E sperando que o desminta num momento,
E não. Ter-te-hei sempre presa ao pensamento
E ando-te o meu affecto. E's minha mãe
E ati eu devo o meu nascimento.

A ti, só a ti, terra idolatrada
A enho exaltado e dado o maior brilho.
A isto a minha devoção sagrada...

A sua mãe, a prece do seu filho.

A vejo terra entre névoa toda envolta,
A onde não destingo jámais os pinhaes.
A á vae um barco entre as aguas revolta...
A tantas saudades e ainda chegam mais!...
A DEUS ESPOZENDE!... ATÉ Á VOLTA.

ARMINDO EIRAS.

para que unisses o teu ao meu des-
tino. Sabes que já não tenho pais e
que está *isso* na minha vontade... E
que possuo muitos *bens* para gover-
nar a noõssa vida...

Os dois ingenuos e simples namo-
rados deram-se as mãos nervosa-
mente, num frêmito de amor, e des-
pediram-se saudosos:

—Bôas tardes, Pedrol
—Bôas tardes, Tomásia!

Num laranjal florido, naquêlo fim
de tarde envolta já nos tons viola-
ceos do crepusculo, um melro jovial as-
sobiava vibrantemente, estridulamen-
te, umas verdadeiras risadas de cris-
tal; sarcastico e ironico, como que
rindo e escarnecendo daquêles lidi-
mos amores...

SILVA VIEIRA.

Lei do selo

Extrato da lei 1623 publica-
da no «Diario do Governo», 1.
serie, n.º 178 em 5 de Agosto
de de 1924:

Até	4.999	Gratis
De 5000 a 50000		05
De 6000 a 70000		06
De 7000 a 80000		08
De 8000 a 90000		09
De 9000 a 100000		10
De 10000 a 110000		11
De 110 a 120		12
De 12000 a 130000		13
De 13000 a 140000		14
De 14000 a 150000		15
De 15000 a 160000		16
De 16000 a 170000		17
De 17000 a 180000		18
De 18000 a 190000		19
De 19000 a 200000		20
Cada 250\$		25
Cada 500\$		50
Cada 750\$		75
Cada 1.000\$		100
Cada 1.250\$		125

Segue esta orientação, sem
limite, não sendo permitido fra-
ção de 1/2 centavo, applicando-se
o divisor de um por mil, em
qualquer quantia, desde esc.
5000.

Joel Magalhães

MEDICO

Consultas das 9 ás 12.
Rua Barão de Espozende.

PASSAPORTES

Agencia Brazil

DE

ANTONIO LOPES RODRIGUES D'AREIA
Preferir esta Agencia é ter a
certeza de ir ao seu destino den-
tro da maior legalidade.

Antonio Lopes Rodrigues d'Areia.

Dr. Fernando Moreira

Clinica geral e da especialidade de doenças
da bóca e dentes, pelos processos
mais modernos.

RUA D. ANTONIO BARROSO
Antiga Rua Direita

BARCELOS

UM INCIDENTE
LAMENTAVEL

«COM VISTA A QUEM DE DIREITO»

Por civilidade e educação,
sempre tive por principio res-
peitar as autoridades, por reco-
nhecer que sem esse principio
não pode haver ordem nem or-
ganização social que resista.

Penso assim, mas sem ja-
mais abdicar nem renunciar ao
direito que me assiste de criti-
car ou chamar a atenção da
mesma autoridade, quando ela
abusa ou se excede.

Outro tanto,—e esse para
mim é o mais sagrado,—é o
respeito pela farda.

A farda para mim é um
symbolo, quer ela seja do sol-
dado da Ordem, quer seja o da
Guerra, como ainda o da Paz.

Assim sendo, é que todos
nós, temos que estar alerta, pa-
ra não deixar quem quer que se-
ja envergonhala.

A farda é o symbolo, mas
é necessario que quem na en-
verga, a faça respeitar, e não
abuse da mesma farda, para in-
sultar quem quer que seja, com
a força que a mesma lhe oferece.

E' o meu caso.

Tendo eu como redactor do
«O Espozendense» recebido um
abaixo assinado de praças e so-
cios da A. H. B. dos Bombe-
iros Voluntarios de Espozende,
queixando-se das medidas da G.
N. R., eu por dever de officio,
registei a queixa.

Tendo-me o comandante do
postô da dita, que a queixa era
mentirosa, e ainda convidado
para ir ao quartel, onde averi-
guariamos o contrario do que
os bombeiros nos diziam.

Ali presente, assistimos aos
interrogatorios das partes, onde
todos confirmaram o que nos
tinham dito.

Assim mesmo,—e com o
maior cinismo—em frente ás pro-
prias pessoas que confirmaram,
o snr. Cabo-comandante, nos
convidou a fazer um formal des-
mentido.

Saindo do quartel, foi redi-
gir um artigo que saiu no dia 3
do corrente, onde narrei o que
se passou, não satisfazendo a
vontade ao cabo-comandante, e
que se tal fizesse seria a maior
das cobardias.

Quando ás 21 horas do dia
3, do corrente me encontrava
no Largo Fonseca Lima em
companhia de alguns amigos, o
cabo-comandante Ricardino da
Lomba, em tons aggressivos e in-
sultuosos, teve comigo o se-
guinte dialogo, que foi presen-
ciado por dezenas de pessoas, tal
o alarido generalisado pelo dito
cabo.

—Cabo—Snr. Armindo, eu quero que me diga qual a razão, que você anda a revolucionar Espozende?

—A—Revolucionar Espozende? Hom'essa! Então o narrar factos é revolucionar? E' a primeira que eu ouço.

—Cabo—Você é um canalha, um cobarde...

—A—Repilo-lhe a afronta, o insulto, que só lhe aceito e não repilo d'outra maneira, por você envergar a farda.

—Cabo—E' que você, sabendo que eu não me posso defender...

—A—Não. Você defendeu-se, só com a condição de que tinha a assignatura do seu compadre e amigo ex-praça da guarda Augusto Barros, e ainda com a agravante, de que não fez defeza, mas sim insulto não só a uma agremiação como á collectividade espozendense.

—Cabo—Mas é que tudo quanto você disse é mentira.

(Nesta altura, aproxima-se varios socios e praças dos Bombeiros.)

—A—Se você vê que o que o jornal disse é mentira, faça-me processo, que lá irá testemunhas a confirmar tudo quanto se disse.

—Cabo— Confirmar o quê, se tudo é mentira?

(Varios socios e praças).
E' verdade, é verdade!...

Nesta altura, estabelece-se discussão entre o cabo, e varias praças dos Bombeiros, assim como entre o 2.º comandante, discussão tal, que chamou ainda a atenção da vizinhança que testemunhou o facto, e que por fim o Cabo-Comandante disse não levar preso um dos presentes para não alegarem vingança.

«Ha a intervenção do cabo —da Guarda-fiscal—faz serenar os animos e nós, afastados um pouco, trocamos impressões, sobre o assumpto e afastamo-nos.

No outro dia, logo de manhã, tivemos um convite do Cabo-comandante para irmos ao posto.

Ali comparecemos em companhia de varios amigos, e como ali não se encontrasse, deixamos o nosso cartão.

Ao outro dia,—depois de nos rosar que o dito senhor queria exercer vingança sobre a minha pessoa, recebemos outro convite, do dito cabo, para ali comparecer.

Enviamos-lhe uma carta, dizendo as razões, porque ali não comparecia. — Que os julgava suspeitos; e que por tanto, só ali compareceria, em companhia do snr. administrador e de 2 officiaes da administração,

No dia seguinte, o Cabo-comandante, requisita a minha pessoa á guarda.

Sciende do ocorrido, faço um officio ao snr. Administrador do Concelho, em que lhe participo a minha suspeita de um atentado pelo Cabo-comandante, e portanto lhe pedia para me acompanhar assim como de algum official administrativo, para atestar o que se passava, e ao mesmo tempo lhe certificava, que, tendo eu; serviços de grande monta e de interesse, de que tinha que me ausentar ás 16 e 15 e ás 15 e 48 ali estive no quartel, onde me foi dito que o snr. Cabo tinha saído, mas que dissera que eu esperasse.

Expondo-lhe as minhas razões, auzentei-me com a resolução de jamais ir á presença do dito cabo, porque entendo, que havendo uma auctoridade superior, só a ela compete tomar conhecimento de tudo isto, abrindo o respectivo inquerito, porque entendo que não é ao snr. Cabo, que lhe compete julgar os seus actos.

Mais uma vez repito, que suspeito da guarda sob o comando do Cabo Ricardino da Lomba, e, peço providencias ao snr. Administrador nesse sentido, e se d'ora avante me vir coagido nas minhas liberdades, irei solicitar garantias a quem de direito.

Agora pergunto eu:
Poderá o snr. Cabo insultar e provocar desordens?
Poderá o snr. Cabo, abusar da sua auctoridade e da farda?
Não sabemos.

Para terminar, direi, que se não fosse o grande respeito que nutro pela autoridade, e o respeito ainda maior á farda—quero dizer—se em vez de ser o cabo da G. N. R. Ricardino da Lomba, fosse o civil Ricardino da Lomba, eu em repto ao insulto, á afronta e ao desaforo, responder-lhe-ia com a...

Armindo Eiras

Um lindo livro

Violetas Dispersas

(VERSOS)

DE
Maria da Silva Vieira

Um elegante volume contendo muitas produções poeticas em magnifico papel acetinado, com o retrato da extincta.

PREÇO..... 2\$50 RS.

O producto da venda da edição é destinado ao levantamento na sua sepultura de uma lapide comemorativa.

A' venda em todas as livrarias do paiz em Espozende na Typografia Espozendense, de José da Silva Vieira.

Lacre em todas as côres, gomarabica em frascos, lapis Faber, canetas elegantes, aparos de todos os gostos, papel em caixas, prende papeis, giz, tintas alemãs e nacionaes, só á venda na Livraria Espozendense.

FLÔRES DO MEU JARDIM

O nauta do amôr

(Conto)

A' Ex.^{ma} S.^a
D. Celeste Taborda.

Ele partiu.

Levava no seu barquinho lesto de alvas velas arrogantemente lançadas ao vento gelado dum tarde de Dezembro, um coração ardente, mas a soluçar pela sua dama que deixou na terra, e, que talvez não tornasse a vêr.

Mas o destino, que para uns é de perenes revezes e infelicidade, a outros envia alegrias e glória.

A êste amoroso nauta, se o não chegou a lançar em pleno jardim florido, embrenhou-o num risonho vergel em embrião.

Voltou!...

Passam-se meses.

E numa manhã primaveril, no seu veleiro magestoso e elegante, ele, torna a partir!...

Mas seu peito arfa de alegria enquanto a alma transborda de ilusões.

O mar parece-lhe o caminho argêntio e seguro, reservado para levar á ilha misteriosa onde espera a felicidade e a fortuna, a ele e á noiva que leva nos braços como um talismã, seu protector contra todas as revelias da vida

E assim foi.

Anos depois, numa casita branca e atraente cercada de rosais e boninas, um casal alegre como nos primeiros dias do noivado, sorria ao lembrar a partida do marinheiro, que uma voz linda e jovial fazia recordar:

O marinheiro partia,
No seu barquinho de dôr;
J meu coração sofria,
A ausencia do seu amôr.

Mas um dia por magia,
Outro sol se vê raiar;
E êste lar tôdo alegria,
Aqui se veio formar.

Canteiro de Boninas

—29—II—928—

Nuno Vaz de St.^a Maria

CONSULTORIO DENTARIO

Camilo Ramos, Cirurgião-Dentista e Farmaceutico com consultorio em Barcelos, Famalicão e Santo Tirso, abre brevemente consultorio nesta vila, dando consultas aos domingos.

Previne os seus Ex.^{mos} Clientes que acaba de fazer uma redução de trinta por cento em alguns dos seus trabalhos de cirurgia e protese dentaria.

Tinta para marcar roupa—A melhor marca, franceza, de Alexander, vende-se com 30 d.º a menos do que em outra parte. Resultado garantido.

POR 4\$00!

Uma elegante caixa de papel com 50 envelopes forrado e 50 folhas de papel branco, á venda, na nossa Livraria—Rua Direita.

UMA DILIGENCIA A APULIA

—Amigo, vamos, são horas de partir.

—Já bateram duas e um quarto.

--Partamos.

—Não imaginas como gosto desta estrada que não está como muitas que são uma lastima.

—Ha por aqui uns buracos que não fazem grande mal.

—O que eu não sei é porque as bicicletas pagam licença, quando elas não estragam as estradas.

—As bicicletas pagam licença, como a poderíamos pagar por se andar de sapatos

—Ainda isso não lembrou ao diabo!...

—Agora imos seguir a estrada da Apulia, que me dizem estar intransitavel; eu não sei, porque já há muito que por aqui não passo.

Mas é verdade! Olha que pantanos, que lagos, que pinhascos!

Isto está perigoso; se caímos não nos levantamos mais.

Cautela!

Vademos este lago, torneemos aquele penhasco!

Coragem!

—Nossa Senhora da Bonança nos acuda!

—Não ha-de haver perigo, homem, nós chegaremos salvos ao nosso destino.

—Vamos!

—Caramba, sempre passamos!

—Mas agora é que vão ser elas!

Vadear este lago, é difficil. Aqui podia andar um barco!

Ele tera fundo?

Cautela, amigo, que o caso é serio.

—Plutarco! Plutarco! acode-me que eu morro aqui!

Cai!

—Olha se te levantas, amigo!

—Não posso!

—Deus nos valha!

Olha, se podes, Anastacio!

—Ai! não posso: parece que tenho uma perna quebrada!

Puxa-me por ela, amigo!

—Pois, vá.

Estás melhor?

—Um bocado; já me parece

poder andar.

—Então, vamos!
—O pior é aquele pedregulho que se assemelha a uma serra: não sei como o poderemos passar.

—Coragem, amigo, vamos!
—Que remedio!
—Ai! Anastacio, que desgraça a minha: cá estou com a cabeça partida!

—E' verdade; e que brecha! Aqui não há farmacia!
—Maldita estrada!
Os diabos a levem!
Felizmente já estamos ao pé do cemiterio, onde é melhor o caminho e perto do fim do nosso destino.

—Que horas são!
—Cinco.
—Que tempo nos levou a passar a maldita estrada!
—E a diligencia, onde é?
—E' aqui, na casa de...

—Batamos.
Truz. Truz. Truz.
Nada!
Truz. Truz. Truz.
Nada!

.....
—Perguntemos por estas casas.

Q' senhor da casa O' senhor da casa!
Nada!
Senhor da casa! Senhor da casa!

Nada!
—Raios partam o modo de vida! Vamo-nos embora e voltamos à manhã.

Esta gente anda toda no campo e faz bem: gasta o tempo e ganha dinheiro. Nós é que não ganhamos nada. Nem se quer somos galegos: somos cães. Os trabalhos que dão dinheiro, fazem-nos os outros, e, estes que ninguem os quer, fazemo-los nós!

Isto não pode ser!
—Que horas são?
—Seis
—Está a ser noite!
—Por onde voltamos?
—Pela estrada, não!
—Vamos pelo areal,
—E as bicicletas?
—Levamo-las ás costas.
—Pronto!

.....
—Vês estas arvores que aformoseiam este campo?
Elas dão um exemplo de moral ao homem.

Vivem todas em comunidade sem se prejudicarem. As suas leis são invariáveis.

Já assim não são as do homem, que, embora, muitas vezes, feitas com boa intenção pelo legislador, quando chegam até nós vem todas esfarrapadas. Logo ao sairem o templo sagrado onde sofreram a sua elaboração, levaram um rasgão, depois outro, e tantos, que quando as vemos, parecem o casaco do Picaú.

Ninguem querará também mais este modo de vida?
Ai! este, não!
Flamarion.

PROTESTO CONTRA UMA CARTA DEFESA QUE NÓS ENVIOU O SNR. A. B.

Temos em nosso poder um protesto assignado por 15 (socios) dos Bombeiros Voluntarios desta Vila, em que protestam contra os apôdos lançados pelo snr. A. B.

Por falta de espaço deixamos de a publicar o que faremos no proximo numero.

Tambem por falta de espaço deixamos de inserir a exposição feita ao snr. Ministro do Interior das reclamações deste concelho pela nossa Camara, na sua visita à cidade de Braga, em 8 do corrente.

Falecimento

Na ultima quarta-feira, faleceu nesta vila, a snr.a D. Antonia Alexandre Lopes, com 82 anos de idade, tia do nosso bom amigo snr. João e Julio Monteiro da Cunha Azevedo, este distinto farmacêutico desta vila e o segundo da visinha Fão.

O seu funeral que teve lugar na ultima quarta-feira, foi muito concorrido.

Aos doridos os nossos sentidos pezames e á falecida o eterno descanso.

Tambem secumbiu na ultima sexta-feira, sepultando-se no sabado a snr.a D. Tereza da Costa Vilarinho, de 72 anos, tia dos nossos bons amigos srs. Adriano Maria da Costa Vieira, e Americo da Costa Vieira, desta vila. O seu enterro foi muito concorrido. A toda a familia anojada o nosso cartão de sentidos pezames.

CATALOGO DE OBRAS FOLK-LORICAS PORTUGUEZAS

PUBLICADAS:

- Ramalhete de Canções populares*, colhidas no concelho d'Espozende, por Silva Vieira, 2.^a edição, 1 vol., preço 500 reis.
- Bibliotheca Folk-lorica Portuguesa*, 1 vol. publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Espozende». A reimprimir mais aumentado. Preço 3\$000, reis.
- Coleção Silva Vieira*.
- As Brótas*, por J. Maria Soeiro de Brito preço 500 reis.
- Linguagem Infantil*, por J. Maria Soeiro de Brito, preço 1\$000 reis.
- Poesia Popular Alemtejana*, por J. Maria Soeiro de Brito, preço 1\$500 reis.
- Folk-lore e Dialectologia de Espozende*, noticia bibliografica, por Armando da Silva preço 1\$500 reis.
- Astronomia e meteorologia popular alemtejana*, por J. Maria Soeiro de Brito, preço 1\$500 reis.

- A Opa'a*, por M. M., preço 500 reis.
- Tradições Minhas*, por Candido Augusto Landolt, preço 1\$500 reis.
- A Langa em Portugal*, por Alberto Pimentel, preço 500 reis.
- Duas Leis*, documentos antigos, preço 500 reis.
- Subsídios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguez*, por Candido A. Landolt, preço 1\$000 reis.
- Ensaio Etnografico*, I vol. com 374 pag. por J. Leite de Vasconcellos. (2.^a edição) em bom papel, preço 5.000 reis.
- II vol. dos *Ensaio*s, do mesmo auctor, preço 5.000 reis. (a reimprimir)
- III vol. dos *Ensaio*s, pelo mesmo auctor preço 5\$000 reis. (a reimprimir)
- IV vol. dos *Ensaio*s, pelo mesmo auctor edição da Livraria Classica, de Lisboa, preço 5\$000 reis.
- Tradições populares, Vocabulario e toponymia da Guarja*, por A. Gomes Pereira, preço 2\$000 reis.
- Folk-lore da Figueira da Foz*, por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, 1.^o e 2.^o vol. com perto de 300 pag. cada um, 10.000 rs, os 2 volumes.
- Onomastico popular de Espozende*, recolhido por José da Silva Vieira, edição de 1897 —folheto de 16 paginas Preço 500 reis. (res an ainda alguns exemplares).
- Tradições populares de Barcellos*, por A. Gomes Pereira, professor do Lyceu Rodrigues de Freitas, do Porto, 1 grosso volume de 404 paginas 5\$000 reis.
- Seleccao Comparações pop. Alemtejanas*, por Antonio Thomaz Pires, 1 vol. 3\$000 reis.
- O Folk-lore*, folheto, por Theophilo Braga, preço 500 reis.
- Toponymia dos Concelhos de Terras de Bours, Povoa de Varzim e Villa do Conde*, volume, preço 2\$500 reis.
- Folk-lore Lanhozense*, por Albino B. sao volume, preço 2\$500 reis.
- Tradições populares da provincia do Douro*, por João Vieira de Andrade, 1 volume, e, preço 2\$500 reis.
- Folk-lore Vimaranesense*, por D. Leite de Castro, 1 volume, preço, 2\$500 reis.
- Demosophia*, por Soeiro de Brito, 1 volume, preço 2\$500 reis.
- Tradições populares de Penelono e dialecto*, por A. Gomes Pereira, prof. do Lic. Central do Porto, preço 2\$000 reis.
- Vestigios do Totemismo nos Açores*, por Armando da Silva, preço 500 reis.

- Contos populares portugueses*, selecção escolhida, 1 vol. 1\$000 reis.
- Vocabulario Minhas*, apontamentos sobre a etimologia portuguesa, 1.^a edição, 1 e 1 A. E. repositioal, por M. B. ... 2.^a edição, com perto de 1.000 vocabulos novos. 1 volume de 200 paginas. Preço 5\$000 reis (a reimprimir).
- 2.^o vol. letra F a Z. Preço 2\$500 reis.
- Cancioneiro de S. Simão de Novas*, coligido por Fernando de Castro P. res de Lima, a imprimir.
- Tradições portuguesas de origem possivelmente musicmana*, por J. A. Pires de Lima professor da Faculdade de Medicina d) Porto. Preço 1\$000 reis.
- Folclore do Caçava*, por Cardoso Martha, a imprimir.
- Comparações Tradicionaes Portuguezas* por Claudio Basto. 1 vol. 2.500 reis.
- Amuletos*, por Antonio Thomaz Pires, a imprimir.)
- DE QUIM RAE*, *Tradições e Usanças populares*, — I — por Alberto Vieira Braga. 1 grosso volume, com perto de 500 pag contendo grande copia das Tradições e usanças populares, (da Terra, do Trabalho, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu —Vária. etc. etc.
- Preço 5\$000 reis
- Locuções Petrificadas*, por Oscar de Pratt. vol. 22 da *R. do Minho*, com 186 colunas, 5\$000 reis.

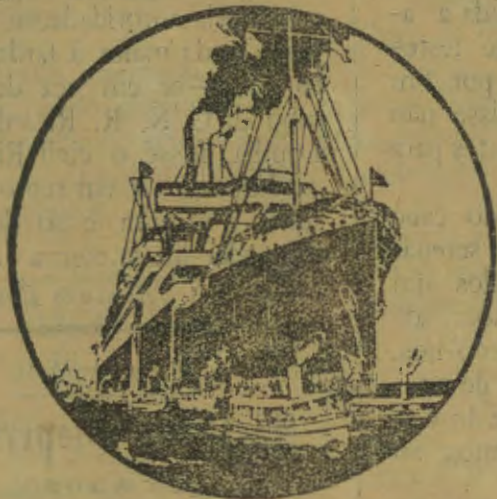
OBRAS A IMPRIMIR:

- Tradições populares de Barroso*, concelho de Mogadouro, por F. Braga Barreiros.
- Linguagem popular de Villa Real*.
- Tradições populares de Villa Real*.
- Tradições populares de Amarante*.
- Tradições populares do Porto*.
- Tradições populares da provincia do Minho*, I, Cancioneiro, por J. da Silva Vieira.
- Onomastico popular de Espozende*, 2.^a edição, muito augmentada, com todos os alcu-nhas não entradas na 1.^a, referentes a esta villa, e com uma minuciosa collecção de todos os alcu-nhas referentes ás 15 freguezas de que se compõe este concelho e um apêndice do que ha até hoje publicado em Portugal sob a al-nhas.

Enviem-se pelo correio estas obras a quem as requisitar mediante o pagamento adiantadamente em valle do correio ou o notas, e porte do correio, ou se enviam contra reembolso.

Pedidos ao seu editor:
José da Silva Vieira=ESPOZENDE.

MALAREAL INGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

DESEADO 21 de Março para o Rio de Janeiro, Santos, Monte videu e Buenos-Ayres
DESNA em 4 de Abril para o Rio de Janeiro, Santos, Montevidea e Buenos-Ayres
DEMERERA, em 2 de Maio para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu, Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ANDES, em 19 de Março para Pernanbuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.
ARLANZA em 2 de Abril para a Madelra, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.
ALCANTARA em 14 de Abril para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Bueos-Ayres.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.^a classe escolher os melhores á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.